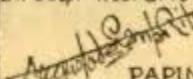




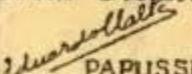
Director literario:


 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:


 PAPUSSE

A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA

Por JOSÉ S. RAU

Desenhos de EDUARDO MALTA



S meninos que são portugueses, já ouviram decerto tocar guitarra. É um instrumento simples, banal, sem as pretensões do piano de cauda e está para este último na mesma proporção em que a rôla modesta está para o pavão orgulhoso ou a tímida violêta para a dália rubra dos jardins. No entanto, como neste mundo acontece que a qualidade, não acompanha muitas vezes a quantidade, sucede também

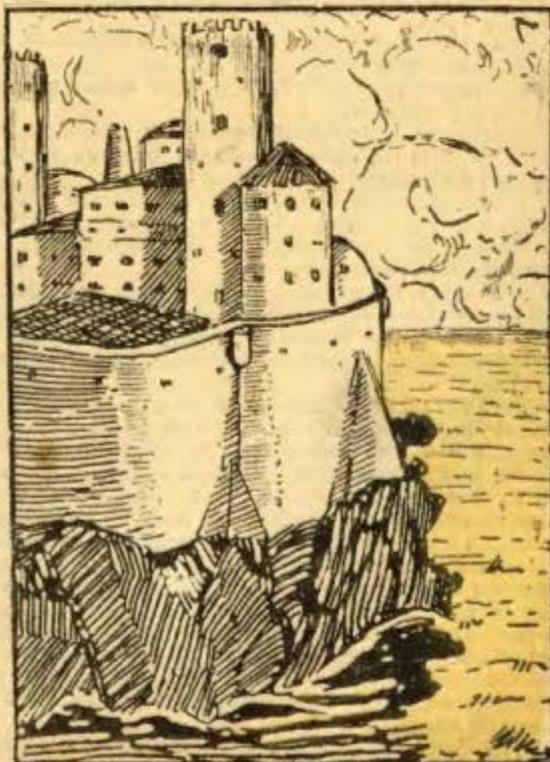
que a música da guitarra é mais doce e enternecedora que a do piano, assim como a delicadeza da rôla é maior que a do pavão e o perfume da violêta mais suave que o da dália, porque esta não tem perfume algum.

E embora, pelo que se refere à guitarra, os poetas, os revisteiros, os fadistas e os estudantes abusem das suas cordas que só devem estremecer ao luar, dando-lhes o destino do piano, do pavão e da dália quando, afinal de contas, lhes deviam dar o da rôla e o da violêta. Sem embargo, repito, de tôdas estas coisa, eu, que adoro a guitarra como o rouxinol, vou contar aos meninos uma história que me ensinou a minha ama Inácia, que era ratada das bexigas. Essa história chama-se: «A Lenda da Primeira Guitarra», e é portuguesa de lei como não podia deixar de ser.

— Há muitos anos, quando Portugal não tinha ainda este nome, quando era apenas um canto de terra florida à beira-mar (o que não admira, porque, antes de existir o mundo, já Portugal existia no coração de Deus) vivia um duque poderoso e sempre triste. Habitava num grande castelo erguido sobre rochedos. A sua dôca nunca sorria e nos seus olhos brilhava um fulgor cruel. Era taciturno como a noite sem estrêlas e como as montanhas sem vegetação. Passava a existência na sala de armas do castelo, mumurando palavras que ninguém entendia, que talvez nem ele próprio entendesse e o soalho estava já gasto do seu perpétuo vaguar.

As vezes, como que num desejo de esquecer a vida, abalava com numerosa comitiva para a caça, e ao som das trompas das cavalgadas loucas, percorria léguas e léguas, matando

(Continua na 4.ª pag.)



Esperança

POR FERNANDO A. SIMOES

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

O senhor está aqui amarrado, impotente para dar um passo; é meu prisioneiro. Poderia, se quizesse, deixá-lo ficar assim, ou mesmo matá-lo, se, como o senhor julga, viessemos aqui com más intenções.

«Mas, não. Pelo contrário: vou até soltá-lo.

E, pegando numa faca, cortou-lhe as cordas; pegou depois nos revólvers e no punhal e entregou-lhos também.

—São seus; aqui os tem. Está convencido agora de que lhe não queremos fazer mal algum?

O desconhecido parecia hesitar ainda, mas, por fim, disse:

—Que querem então daqui?

Chegavam ao ponto das explicações. Jorge contou tudo: a catástrofe, como se salvara um naufrago, o que ele julgara ver, a sua chegada a Lisboa, e a esperança inabalável que ele, Jorge, imediatamente adquirira de encontrar seu pai.

A' medida que ia falando, o rosto do desconhecido ia perdendo a ferocidade: via-se que acreditava.

Quando Jorge acabou, perguntou-lhe:

—Seu pai estava louco?

Jorge ficou espantado, e olhou para Carlos Lourenço, como que a perguntar-lhe se o pai enlouquecera durante a viagem. Carlos abanou negativamente a cabeça, e Jorge exclamou:

—Não. Meu pai sempre esteve no seu juízo perfeito. Mas, porque me pergunta isso?

O desconhecido contou então, porque motivo se encontrava ali abandonado.

Chamava-se John, e fazia parte de um navio de contrabandistas, cujo principal contrabando era o do vinho, na América do Norte.

Nunca, até então, o governo conseguira saber onde se ocultava esse barco, apesar de ter a certeza da sua existência, e prometera um dia um prémio de cinco mil dólares a quem indicasse o seu paradeiro.

Ele John, era contrabandista, não porque lhe agradasse aquela vida, mas porque se vira obrigado a tomá-la, por diversos motivos. Pensou então que esses cinco mil dólares era uma grande quantia para ele, que, junto, nunca tivera mais de cinco.

Escreveu uma carta denunciando o sitio exacto onde se encontrava, e, dois dias depois, nas costas da Nova-Escócia, caía sobre eles um formidável cruzador americano.

Por motivos que nunca conseguiu averiguar, o capitão veio a saber que fora ele o autor da denuncia. Apesar de contrabandista, o capitão não tinha instintos sanguinarios, e limitou a sua vingança a ir pô-lo, fugindo a toda a velocidade do cruzador, naquela ilha abandonada, onde devia aguardar a morte, visto a ilha não ser nunca visitada, e não ter, portanto, facilidade de sair dali.

Ser-lhes-ia impossível fugir tantas milhas ao cruzador, se, felizmente para os contrabandistas, este não tivesse tido um qualquer desarranjo, talvez nas máquinas, porque, poucas horas depois de iniciar a perseguição, parou, e não voltou mais a andar.

Mas, dizia o contrabandista, continuando a sua narra-

va, quando aqui desembarcámos, o nosso espanto não teve limites, porque encontrámos cá um homem, que devia ser um louco, pois não disse nunca qualquer coisa com geito. Mas, se assim fosse, a sua loucura não era perigosa, antes inofensiva, porque se mostrou muito dócil a tudo quanto lhe fizeram e apenas dizia em magnifico inglês:

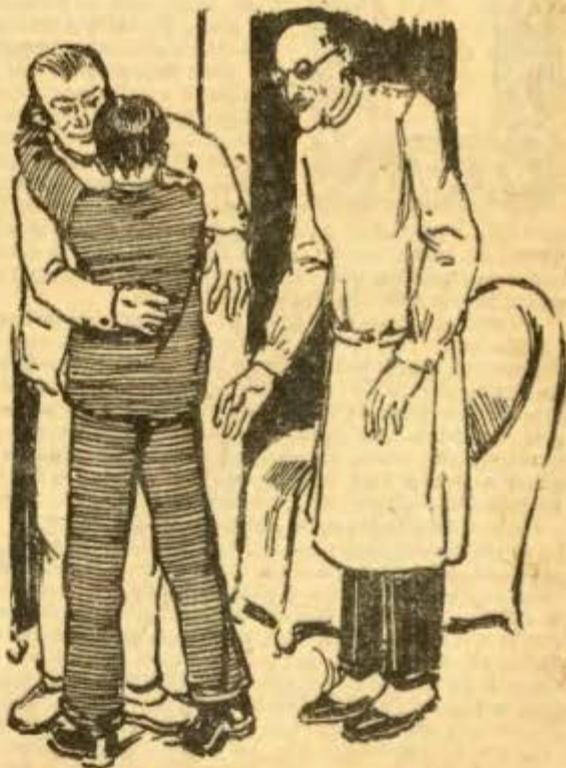
—O meu barco! Dêem-me o meu barco! Não façam o que os outros fizeram, que se fôram embora e não me levaram, para não terem de me dar contas do meu barco!

«Nos raros momentos em que saía do silêncio, apenas proferia estas palavras, para voltar de novo à mesma taciturnidade. Nesses momentos ninguém lhe conseguia arrancar uma palavra.»

Jorge levantára-se ansioso; logo de princípio se convencera de que esse homem era seu pai, embora as palavras que o contrabandista dizia ter-lhe ouvido dessem a entender que o barco lhe havia sido roubado por homens e não pelos elementos.

No entanto Jorge não desanimou; tinha a certeza absoluta de que esse homem era seu pai.

—E esse homem? perguntou ele ao contrabandista,





«Está ainda aqui?

— Não respondeu êste, o capitão levou-o porque teve dó dele.

Jorge já esperava êste golpe, por isso não se espantou. Haviam perdido a pista e só o acaso lhes poderia dizer onde se encontrava agora André Soares.

Nada mais havia a fazer naquela ilha. Iriam à Terra-Nova, onde investigariam o paradeiro do barco contrabandista; talvez que já tivesse sido apanhado e lá lhe podessem responder.

Mas o piloto, que ouvira, tudo, exclamou:

— O que esse homem diz, não deve ser verdade.

«Esse barco de contrabandistas foi apanhado e todos os seus tripulantes condenados à morte.

«Se entre eles fôsse algum louco, não seria decerto condenado, antes o poriam numa casa de saúde. E como não consta que isso tivesse sucedido, pois morreram todos na cadeira electrica, eu afirmo que esse homem mente.

Jorge sentiu que um suor frio lhe inundava a fronte, e por momentos desanimou.

Se ambos, o contrabandista e o piloto, falassem verdade, era porque seu pai fôra tambem condenado à morte.

Mas Jorge não pertencia ao número dos que desanimam, mas sim aos que não perdem nunca a esperança de conseguir o que pretendem.

Por isso, o momentânio desânimo lhe passou logo, e a esperança lhe voltou de novo.

— Quem sabe, pensou êle, talvez o contrabandista minta.

«Vou vêr.

Agarrou o contrabandista por um braço, e disse lentamente.

— O meu piloto diz que é mentira o que dizes, e apresenta provas que não são para desprezar.

«Tu traíste os teus companheiros por 5 mil dólares; pois bem: darte-hei dez mil se me disseres a verdade acerca do que contaste.

Um relâmpago de cubica perpassou pelos olhos do contrabandista. Mas logo lhe passou, e com uma acentuação que impressionou Jorge, exclamou:

— Juro por Deus, que é aqui a única testemunha que nos ouve, que disse a verdade.

O acento destas palavras era tão sincero, que Jorge acreditou-o. Seria efectivamente verdade?

Era o que Jorge ia decerto averiguar com aquela esperança de vencer, que o não abandonava nunca, porque

quinze dias depois vamos encontrá-lo em Nova-York, trabalhando activamente para descobrir o paradeiro de seu pai.

Num hospício de alienados de Nova-York, célebre pela fama dos médicos que nêle trabalhavam, encontravam-se três celebridades, que discutiam um qualquer assunto que os interessava vivamente.

— Pois meus senhores, estou no meu ponto de vista e daqui não saio. So uma comoção brusca violenta e inesperada o poderão fazer recordar o passado.

— Diz bem, respondeu outro tirando uma fumaça do seu óptimo cigarro, em dizer «o poderão fazer recordar o passado», porque, efectivamente, não é caso de loucura, que temos ante nós.

— Mas dizia o terceiro sentado numa esquina da secretária e balouçando a perna, que género de comoção conhecem os senhores que seja maior do que esta: está um homem muito socegado da sua vida vivendo longe e completamente separado das linguas do mundo, e aparece-lhe de repente uma casca de noz, carregando homens que o govêrno persegue; esses trazem-o à força com êles, são todos apanhados e quinze dias depois, o homem que estava tão descansado num sítio onde era senhor absoluto, vê-se condenado à morte sem sequer ter feito mal a uma mosca?

— Quanto a mim, isto é seguramente um forte comoção, mas que não há produzido efeito algum.

— Assim é efectivamente, mas não deve talvez tratar-se de comoções desse género.

— Que diriam os senhores que sucederia, se êste homem tivesse um irmão, um filho, um primo, ou qualquer parente emfim, que êle muito estimasse e que lhe apparecesse de improviso?

— Não acham que uma comoção deste género seria o sufficiente para o fazer voltar ao seu estado normal?

— Teve efectivamente uma grande idéa, doutor. Credo tambem ser esse o único meio de cura.

— Mas digam-me meus senhores, dizia o terceiro que seguramente gostava de contradizer, onde vão buscar um parente nessas condições?

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

Continuação do conto: — «A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA»

lobos, javardos, veados e outros animais dos bosques. Então, quando contemplava a agonia dos bichos e via o sangue saltar em jorros, uma alegria enorme subia-lhe ao rosto. E abalava para para o castelo, à desfilada, para logo voltar ao seu doloroso passeio na sala de armas.

Chamava-lhe o povo o Duque Negro, porque, além da sua tristeza, tinha uma barbas escuras, e as mães, das aldeias e povoados, quando queriam meter medo aos filhos, diziam sempre: «não chores, que aí vem o Duque Negro». E os petizes calavam-se, apavorados. Ora este duque meditando tinha uma filha encantadora de dezoito anos que era um milagre de beleza, de ternura e de bondade. Era pequenina e loira e ao lado do seu carrancudo pai, parecia um raio de sol a pousar na entrada duma caverna. Sem atentar na melancolia que a rodeava, chegou à idade de ser mulher com a boca cheia de risos, até que, de repente, ao compreender o insólito desespero de seu pai, ficou, pela primeira vez, com os olhos cheios de lágrimas.

Em vão procurou distraí-lo, iluminar aquela treva profunda, fazendo-lhe carícias, dando-lhe mimos, dando-lhe consolação. Mas o Duque Negro permanecia insensível a tudo como uma estátua. Então ela entristeceu também, a sua alma fechou as pétalas de rosa e nunca mais sorriu. A tal ponto que os fidalgos do castelo e a própria arraia munda começaram a chamar-lhe Saudade.

E agora já os meninos ficam sabendo como se inventou a mais linda palavra portuguesa. Passava ela dias inteiros no castelo ducal e, a pouco e pouco, foi-se afeiçoando aos prazeres da caça, não á morte dos animaizinhos, coitados, mas às galopadas por charnecas e outeiros.

Acompanhava seu pai num corcel branco de caudá ras-tejante e resistia à fadiga mais dura como um homem.

Era, no entanto, querida de todos e todos, quando se aproximava a cavalgada luzida, acorriam à beira dos caminhos

e enclíam-na de bênçãos. Porque Saudade era formosa como Santa Maria Madalena.

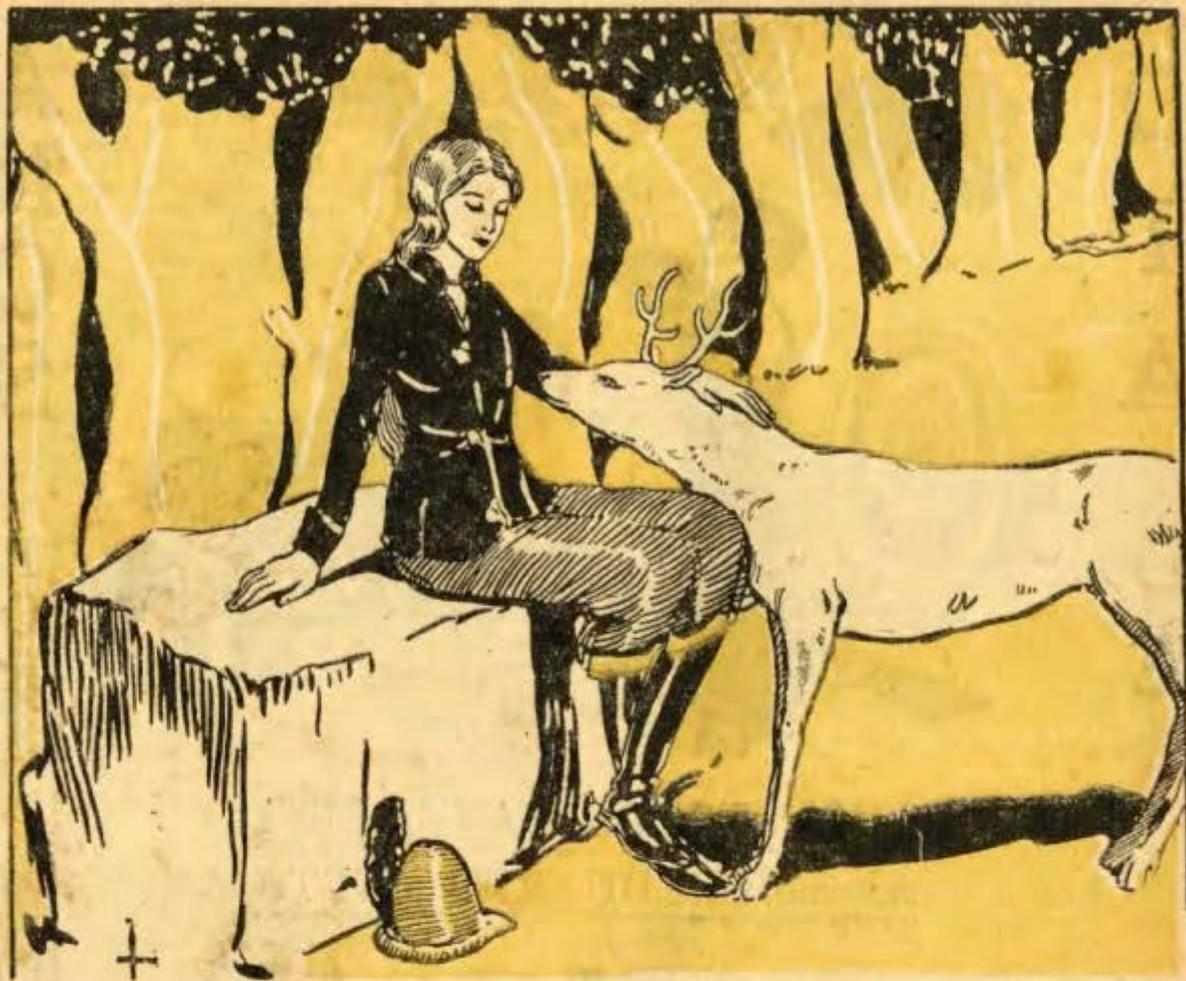
Ora um dia aconteceu que, numa dessas caçadas, foi perseguido durante horas um soberbo e infatigável veado, de hastas finas e focinho húmido, que acabou por desaparecer sem deixar rastro. O mesmo sucedeu durante as caçadas seguintes e, embora lobos e javalis cassem trespassados de lanças e setas, o arceiro veado conseguia sempre escapar ilêso. Duma das vezes houve um caçador que, acachapado atrás duma moita, o viu parar a dois metros de distância e viu então que as suas hastas eram de ouro. Tão movido ficou que nem tentou feri-lo e êle se afastou ligeiro como o ar.

Veu contar aos outros o sucedido e o Duque Negro soube daquela estranha maravilha. Mas longe de sentir a menor admiração ou temor, antes persistiu na febre de matar o pobre, animal e, durante um mês seguido, deu-lhe caças ferozes. Até que finalmente os caçadores se fatigaram e o Duque Negro começou a persegui-lo sózinho com sua filha Saudade, que tentava engana-lo e metê-lo por atalhos não frequentados pelo veado misterioso. Ela tinha tanto dó dêle e amava tanto a sua fina elegância!

Ora uma ocasião houve em que, trotando ambos em plena floresta, a matilha dos cães se açulou de repente farejando o veado, e o Duque Negro selançou em sua peugada. Saudade sentiu a alma cair-lhe aos pés de desânimo e refreou os impelos do corcel. Ficou pois sózinha naquele ponto da floresta, que era uma clareira pequena rodeada de fojo e pinheiros bravos.

A certa altura, como passasse mais duma hora, Saudade, não resistindo a uma vontade imensa de chorar, desmontou, ligou o corcel a um tronco e sentou-se numa pedra. Se alguém a visse assim, tão chorosa e bonita, tão meiga e doce, logo teria jurado aos Santos Evangelhos dedicar-lhe amor até á morte!





— Eis senão quando, erguendo os olhos orvalhados e o rostozinho trémulo que parecia uma cascata, ela encontrou diante de si o airoso animal que julgava trucidado, pousando nela um destes olhares eloquentes que possuem certos bichos e dos quais a gente costuma dizer: «só lhe falta falar». Radiante, comovida, mas ao mesmo tempo receosa de causar-lhe susto, não fez o menor gesto. E eis que o veado se aproximou dela sem manifestar temor e ante a sua admiração infinita pousou a cabeça pensativa no seu regaço. Ela estendeu uma das suas lindas mãos e acariciou-o muito, achando-lhe o pêlo, mais suave do que veludo.

E ponde ver, então, que o veado misterioso tinha as hastes de ouro fulgurante como a luz do sol. O veado demorou a cabeça no seu regaço até que, retirando-a ternamente, fez uma coisa que a deixou ainda mais espantada, e o que os veados não costumam fazer: abriu a boca e falou. Ela levantou-se assustadíssima mas êle tranquilisou-a:

« Não te assustes Saudade. Eu tenho voz humana porque sou um menestrel encantado por uma velha bruxa. Condenou-me ela a errar pelos bosques sob a aparência deste animal que vês, até que o meu encanto seja quebrado. Conheço-te, Saudade, desde pequenina, e desde que a natureza te deu a graça e o donaire da mulher, por ti nutrí uma adoração que me consola e me atormenta. Ai, se eu guardo um coração de homem num corpo de animal, não será o meu sofrimento o maior que existe? »

Saudade ficou deliciada e angustiada com esta fala estranha, que emanava dum bicho, que revelava a aflicção dum pobre troveiro e que, sobretudo, traduzindo a beleza de uma primavera em flôr, lhe ensinava a maior beleza da vida, a beleza do amor. E, cheia de alvoroço, prometeu ao lindo veado que mais o esqueceria e que todas as tardes, à hora em que o sol se degola a si próprio no horizonte, viria conversar com êle áquela clareira.

Cumpriu a sua palavra e todas as tardes se ausentava do castelo, num galope doido. Mal chegada à clareira soprava na sua buzina de marfim, três curtos sons, e logo o veado lhe aparecia como trazido pelo vento.

Soubes, por êle, que se chamava Diniz, que era da sua terra, e que o seu encanto era tão difícil de quebrar como agarrar a lua no céu.

Ela, por seu turno, lhe contou a vida infeliz que levava e a inexorável melancolia de seu pai, o Duque Negro, aquele senhor de barbas escuras que queria matar o seu poeta-veado.

Assim continuaram durante muitos dias, ambos presos nos laços doces do coração, até que, por fim e por acaso, um dos homens do Duque Negro os surpreendeu naquele local.

Estarrecido, regressou ao castelo e entrando na sala de armas interrompeu o agitado passeio de seu amo, e ali lhe narrou o que vira e que sua filha Saudade falava com o veado das hastes de ouro que, por sua vez, oh milagre, lhe respondia como se fôsse gente.

Não quiz o Duque Negro acreditar a narrativa, porém, como o homem insistisse, abalou com êle do castelo no dia seguinte, atrás de Saudade.

Embuscados num silvado, viram-na desmontar e soprar a buzina três vezes, viram aparecer o veado e escutaram a sua conversa.

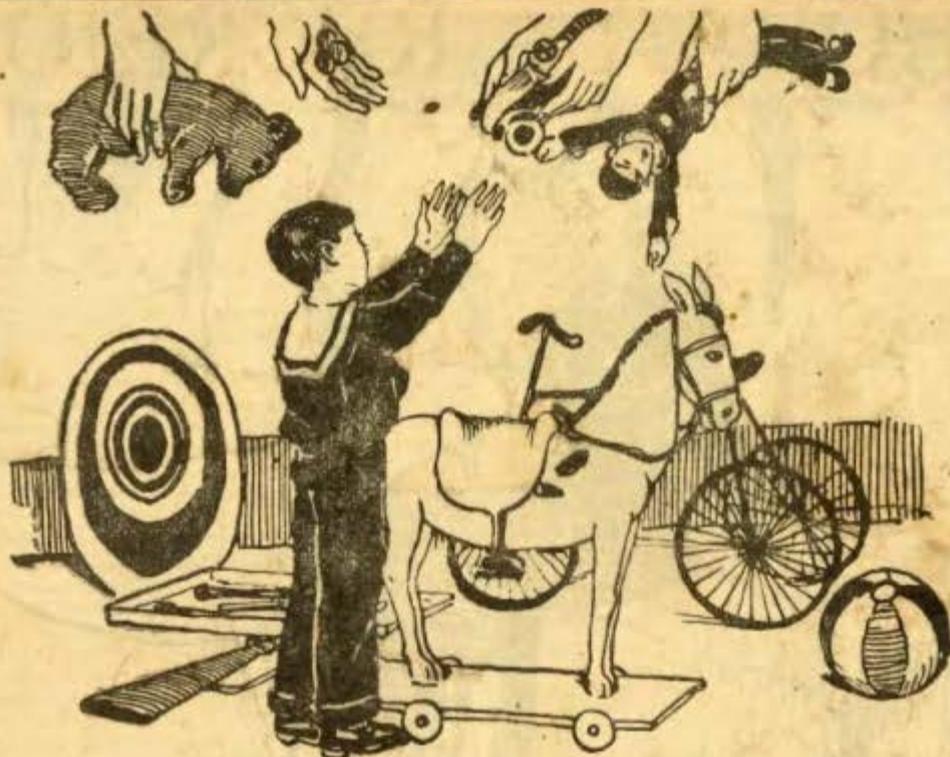
O homem, coitado, estava branco como a cal, pois aquela estranha scena lhe dava um pavor infinito. Mas o Duque Negro, que nada receava e que não conhecia a piedade, fez assobiar a sua lança, por cima das folhas e a lança foi cravar-se, com um baque surdo, em pleno peito do animal.

Saltou Saudade um grito desolado ao ver aquele acto tão cruel e outro grito soltou quando viu seu pai de espada em punho.

O veado, porém, juntando forças largou em corrida rápida e desapareceu entre as árvores do bosque, deixando, em frente de Saudade, uma poça de sangue.

O Duque Negro estava furioso e dali levou sua filha debulhada em lágrimas e a encarcerou na torre mais alta do castelo. Essa torre dava para o Oceano, cuja ondas se despedaçavam nos seus flancos.

(Continua na página 7)

D
I
A
D
EA
N
O
S
P
O
R

AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHO DE EDUARDO MALTA

JUCA faz anos!... o dia
Amanheceu com mais luz!
Jesus, Jesus...
Que alegria!
Tantos brinquedos de trás!

.....
Um cavalinho de páu
Que vivo parece estar
Para o menino: — *upa, upa...*
Ir galopar:
— *táu-táu-táu...*
Montado sobre a garupa.

Um barquinho, uma chalupa
Para navegar
No mar
Dum pequenino alguídar!

Lindo tambôr: — *rataplan...*
Para o menino tocar
Ao acordar
De manhã!

Uma pistola: — *pum! pum!*...
Com fulminantes e um
Brilhante, lizado alvo,

Que faz lembrar a cabeça
Do avôzinho que é calvo!

Uma corneta e um bumbo,
Lindo canhão, uma peça
E uma caixa de cartão,
Com soldadinhos de chumbo!

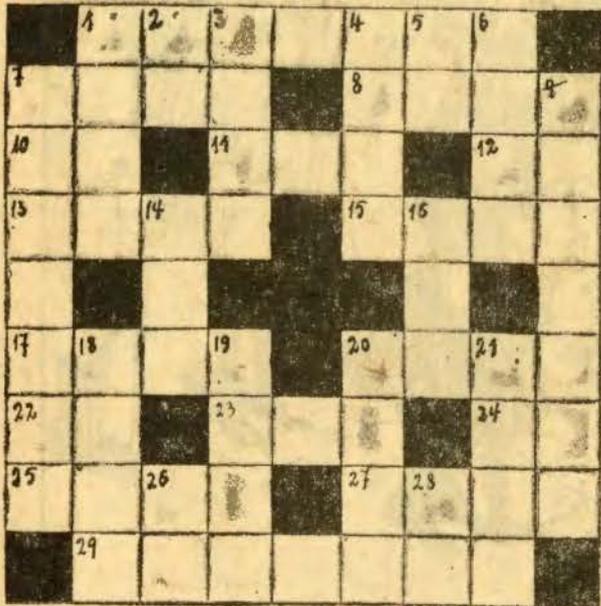
Um armamento, uma espada,
Um urso branco um carneiro,
E um passarinho que poisa
Num pequenino poleiro,
Uma argolinha doirada!

.....
Tanta coisa, tanta coisa!

— «Ai, que bom que é fazer anos!...»
Murmura Juca contente,

Nisto os manos,
Mais pequenos,
Dizem tristes mas serenos:
— «Que bom que era toda a gente
Fazer anos
Uma vez
Por mês,
Ao menos!»

HORA DE RECREIO



RAUL R. OLIVEIRA

Lista das palavras a ler verticalmente:

- 1—Fúria 2—Prefixo latino. 3—Dóce. 4—O mesmo. 5—Ditongo. 6—Transporte. 7—Aspectos. 9—Lagosta. 14—Astro. 16—Artigo. 18—Seriam. 19—Luz reflectida pelo nosso satélite. 20—Minha mãe. 21—Preguiça. 26—Andava. 28—Prefixo latino (que significa: à roda).

Palavras cruzadas

EXPLICAÇÕES

Cada casa em branco há de levar uma letra, de forma que depois se possam ler palavras, tanto horizontal como verticalmente.

Damos a seguir uma lista de sinónimos das palavras que se hão de ler horizontalmente. A lista diz: «1-nome de homem». Quer dizer: é preciso que desde o quadrado 1 até à casa preta, as sete casas em branco sejam preenchidas com as letras que hão de dar o «nome de homem». Não será Gabriel? Mais adiante, no número 12 da lista das palavras que se hão de ler horizontalmente, encontramos: «12-ave de capoeira». Ora do quadrado 12 até ao primeiro quadrado preto, vão quatro casas em branco... Não será galo? Depois de preenchidas as casas há de o leitor ler verticalmente outras palavras cujo significado ou sinónimo encontrará na outra lista, na das palavras a ler verticalmente.

Não se faz caso dos acentos nem cedilhas.

Logo que saja a solução deste problema, ficam aptos a resolver todos os outros e dispensam mais explicações.

Raul Reis de Oliveira

Lista das palavras a ler horizontalmente:

- 1—Nome de homem. 2—Canção Nacional. 3—Ofereçam. 10—Em. 11—Pronome pessoal. 12—Ide. 13—Ave de capoeira. 15—Da raça dos mús. 17—Do rei. 20—Garras. 22—Respira-se. 23—Fructa. 24—Duas consoantes. 25—Vestuario de mulher. 27—Mês. 29—Aprendiz de caixeiro.

A LENDA DA PRIMEIRA GUITARRA

(Continuação da pagina 5)

Assim viveu Saudade durante dias e dias, sem comer e sem beber, chorando sempre o lindo veado que julgava morto. E uma velha creada lhe contava que o Duque Negro procurára, em vão, o seu cadáver pelos bosques.

Ao cabo de algumas semanas de prisão, Saudade sentiu o irresistível desejo de rever a clareira onde conhecera Diniz. Mas a única janela da torre ficava a quarenta metros das rochas, contra as quais se quebravam com fragor as ondas do Oceano.

Depois de muito pensar, Saudade decidiu arriscar a vida a todo o custo e, mercê de reiteradas súplicas, conseguiu que a velha creada lhe trouxesse cordas que foi atando umas às outras. E tendo anoitecido, embora o luar brilhasse como uma salva de prata, ela ligou as cordas a uma coluna da janela e deixou-se escorregar.

Levava ainda o seu traje de caçadora, a sua buzina de marfim e um punhal à cintura. Chegada ao fim da perigosa descida e quando procurava caminho sobre as rochas, foi arrebatada por uma onda mais alterosa e levada entre turbilhões de espuma.

Porém, Saudade, além de emérita caçadora era uma nadadora excelente e, apesar da bravura do mar, conseguiu, depois de muito esbracejar, atingir a costa a uma grande distância do castelo. Repetidas vezes a ressaca a lançou de encontro aos rochedos, em cujas asperezas se molestou, até que, providencialmente, uma enorme vaga a foi pousar em terra firme. Tão exausta estava que adormeceu e só acordou no dia seguinte sob a carícia quente do Sol. E logo se pôs em pé e toda despenheada se dirigiu para a floresta.

Quando chegou à desejada clareira, teve uma grande alegria pois deparou-se-lhe uma scena que parecia fantástica. O seu querido veado encontrava-se deitado junto da pedra em que ela costumava sentar-se e seu olhar, era muito

(Continúa na página 8)

Colaboração infantil



José Rodrigues Cercas Junior

(De Aljezur) 13 anos de idade



(CONTINUADO DA PAGINA 7)

triste e tinha ainda no peito a lança do Duque Negro. Saudade correu para ele de braços abertos e ele levantou a cabeça. Estava vivo mas quasi moribundo.

Saudade, murmurou ele, se te demoras mais não me encontravas vivo. Mas chegastes a tempo de quebrar o meu encanto. Prometes fazer o que te vou pedir?

—Prometo.

—Não te assustes pois; o meu encanto só poderá ser quebrado da seguinte maneira.

Mas terás tu coragem?

—Por ti, toda a coragem.

—Então, com o punhal de caça, cortarás a minha cabeça. Enterrá-la-hás, depois, debaixo desta pedra. Com o mesmo punhal arrancar-me-hás o coração, que lavarás na água duma fonte. Abrirás meu coração ao meio e tendo cortado seis dos teus lindos cabelos, prendê-los-hás sobre a abertura. Obterás assim um instrumento de música da minha invenção capaz de comover um rochedo, tão meigos sons produz. Irás então procurar teu pai, o Duque Negro, e diante de teu pai tocarás esse instrumento.

E' esta a única esperança que me resta de voltar a ser quem era, porque a velha bruxa que me encantou disse-me que o meu encanto só terminaria quando o Duque Negro chorasse e risse como toda a gente. Se ele ficar impassível, pertencerei ao número dos mortos. Se ele se deixar comover, corre depressa à esta lareira e desenterra a minha cabeça. Mergulha-a na água da mesma fonte e seremos felizes.

Assim falou o veado encantado e Saudade, antes de executar o seu pedido, verteu desoladas lágrimas. Até que ganhando ânimo, degolou com o punhal a sua airosa cabeça e a enterrou debaixo da pedra. Depois, embora corresse um sangue rubro, rasgou-lhe o peito e arrancou-lhe o coração. Era um coração enorme e ardente, que pulsava ainda.

Dirigiu-se a uma fonte próxima, escondida entre verdura, e nas suas águas frescas lavou o coração do veado. Abriu-o pelo meio e sobre a abertura colocou seis dos seus cabelos. Feito isto, foi-se para o castelo de seu pai.

Quando lá chegou, encontrou o Duque Negro no pátio do castelo. Em volta havia homens de armas e um magote de prisioneiros que iam ser enforcados. As fôrças levantavam-se do chão como sombras terríveis e as sombras dos corvos pairavam já, antegosando um festim horroroso.

O Duque Negro, ao dar com os olhos em Saudade, teve um assomo de cólera e dirigiu-se para ela praguejando. Mas o aspecto de Saudade era tão imperturbável e divino que logo se deteve cheio de admiração, enquanto os prisioneiros se ajoelhavam todos em homenagem.

Então, em frente de todos, de seu pai boquiaberto, dos homens de armas atônitos e dos condenados extáticos, Saudade começou a tocar no coração do seu amor, que era uma verdadeira guitarra e cuja música deliciosa, profundamente triste e lânguida, dava vontade de soluçar. A melodia era tão suave que os corvos fugiram e um bando de pombas, brancas como a neve, veio pousar em volta de Saudade. Ela tocou assim durante muito tempo, de olhos baixos, fazendo vibrar as notas mais sentimentais e mais enternecedoras. Ao terminar ergueu ansiosamente os olhos e viu os prisioneiros soluçando, os soldados soluçando, e, oh maravilha das maravilhas, seu pai que a fitava dócemente com o rosto banhado em lágrimas.

Seu pai chorava pela primeira vez!

Seu pai também tinha alma como qualquer pessoa!

E a linda Saudade deixou-se ganhar pelos soluços, que eram soluços de alegria. E sem saber como encontrou-se, devorada de beijos, nos braços do Duque Negro.

E o resto da história é duma simplicidade bíblica. Saudade desencantou Diniz, desenterrando-lhe a cabeça e lavando-a na mesma fonte.

Diniz era um formoso mancebo, dotado das mais belas qualidades e o Duque Negro não teve dúvida alguma em dar-lhe sua filha em casamento. Devo acrescentar que o Duque cortou as barbas, deixou de caçar animais inofensivos e passou a ter sempre nos lábios um sorriso de ventura.

Com o andar dos tempos o uso da guitarra generalisouse, feita em madeira, está claro e com cordas de metal.

Alguns anos depois, nasceu o nome de Portugal e portugueses se chamaram os seus habitantes. Pois não havia um português que não conhecesse a palavra «Saudade» e não soubesse tocar guitarra!

A primeira música da guitarra foi, como não podia deixar de ser, um sufocado suspiro de amor.

E é por isso que a guitarra, ainda hoje, têm, vagamente, a forma dum coração.